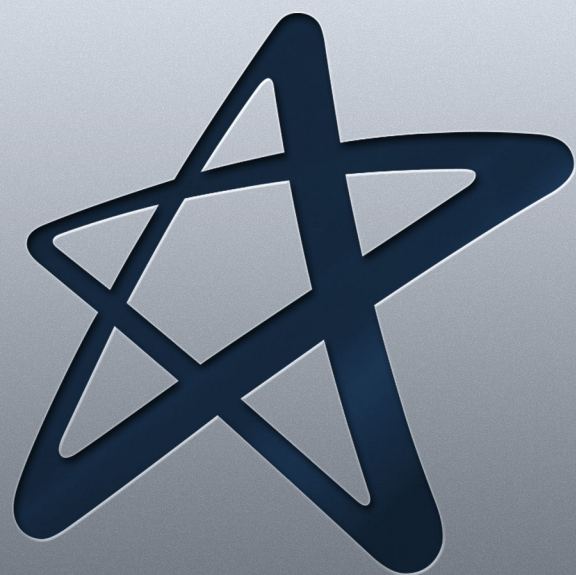


Língua Portuguesa



Material Teórico



Leitura e Escrita: Processos Dinâmicos, Ativos e Colaborativos

Responsável pelo Conteúdo:

Profa. Dra. Sílvia Augusta Barros Albert

Revisão Textual:

Profa. Esp. Márcia Ota

UNIDADE

Leitura e Escrita: Processos Dinâmicos, Ativos e Colaborativos



- O que é Ler?
- O que é escrita?
- A Concordância Verbal: um Recurso Estratégico para a Leitura e a Escrita



OBJETIVO DE APRENDIZADO

- Compreender o processo de leitura e de escrita como processos inseridos em situações de comunicação, que dependem da participação ativa e colaborativa do produtor de texto e do leitor para a produção de sentidos;
- Apreender a dinâmica, as estratégias e procedimentos concernentes aos processos de leitura e escrita em diferentes contextos.
- Aprimorar conhecimentos a respeito da concordância verbal.



Orientações de estudo

Para que o conteúdo desta Disciplina seja bem aproveitado e haja uma maior aplicabilidade na sua formação acadêmica e atuação profissional, siga algumas recomendações básicas:



Assim:

- ✓ Organize seus estudos de maneira que passem a fazer parte da sua rotina. Por exemplo, você poderá determinar um dia e horário fixos como o seu “momento do estudo”.
- ✓ Procure se alimentar e se hidratar quando for estudar, lembre-se de que uma alimentação saudável pode proporcionar melhor aproveitamento do estudo.
- ✓ No material de cada Unidade, há leituras indicadas. Entre elas: artigos científicos, livros, vídeos e sites para aprofundar os conhecimentos adquiridos ao longo da Unidade. Além disso, você também encontrará sugestões de conteúdo extra no item **Material Complementar**, que ampliarão sua interpretação e auxiliarão no pleno entendimento dos temas abordados.
- ✓ Após o contato com o conteúdo proposto, participe dos debates mediados em fóruns de discussão, pois irão auxiliar a verificar o quanto você absorveu de conhecimento, além de propiciar o contato com seus colegas e tutores, o que se apresenta como rico espaço de troca de ideias e aprendizagem.

Introdução

Os limites da minha linguagem são os limites de meu mundo.
(Ludwig Wittgenstein)

[...] o que há de mais belo na escrita é a tensão entre o que está escrito e o que há por escrever, é o uso de uma liberdade que assume todos os riscos ao imprimir sua marca. (Picard)

Nesta unidade, vamos abordar a leitura e a escrita como processos inseridos em situações de comunicação, que dependem da participação ativa e colaborativa do produtor de texto e do leitor para a produção de sentidos. Vamos conhecer algumas estratégias para realizar leituras mais proveitosas, principalmente no âmbito acadêmico, além de apresentar uma concepção de escrita como uma atividade humana, em que estão implicados aspectos cognitivos e sociais, que tem como base a interação. Afinal, sempre escrevemos para alguém.

Para começar a pensar nos temas dessa unidade, que estão sempre bastante interligados, isto é, a leitura e a escrita se alimentam reciprocamente, selecionamos um curta-metragem que ganhou o Oscar em 2012. Trata-se do filme “*The fantastic flying books by Mr. Morris Lessmore*”, uma alegoria bem-humorada sobre o poder curativo das histórias, que necessariamente vai abordar tanto a leitura quanto a escrita de histórias. A partir de uma variedade de técnicas (miniaturas, computação gráfica, animação), o premiado autor/ilustrador William Joyce e o codiretor Brandon Oldenburg apresentam um estilo híbrido de animação que remete tanto aos filmes silenciosos quanto aos musicais Technicolor da MGM.



Os fantásticos livros voadores do Senhor Lessmore

<https://youtu.be/wDkfhwRlcZw>

E, então? Assistiu? Gostou? É uma maneira prazerosa de aprender sobre a leitura e a escrita, e de constatar a importância desses dois processos na vida de todos nós.

Agora, vamos aprender um pouco mais sobre esses dois importantes processos de uma outra maneira! Esperamos que gostem também.

O que é Ler?

Antes de definir o que é ler, é importante distinguir informação de conhecimento. A informação é adquirida sempre que estamos em contato com as coisas do mundo. Quanto mais atentos ficarmos às informações, para estabelecer relações com os conhecimentos que já possuímos, mais conhecimento e melhor desempenho teremos, tanto acadêmico quanto profissional.

Atualmente, o acesso ilimitado à rede de informações favorece muito esse contato nas diferentes situações do cotidiano. Temos, portanto, importante papel ativo na construção desse conhecimento, que se produz pelo estabelecimento de relações entre as mais diversas informações, sobre as quais refletimos, atribuímos sentido e transformamos em conhecimento.

Nesse processo, a leitura se constitui como uma habilidade decisiva para a construção do conhecimento. É muito comum as pessoas dizerem que não gostam de ler e que não leem com frequência. Para muitas pessoas, ler é apenas decodificar a mensagem para depois, reproduzi-la. Para outros, a dificuldade de memorizar tudo o que leem leva ao distanciamento do ato de ler e consequente rejeição da leitura. Alguns acreditam que não se produz conhecimento enquanto não houver maturidade para isso.

Quando acreditamos que somos capazes apenas de reproduzir informações e não de produzir conhecimento é como se, ao entrarmos na escola ou na faculdade, tivéssemos acabado de nascer e não fôssemos capazes de ter ideias próprias, não fôssemos capazes de pensar, refletir e criar. Esse pensamento é prejudicial, por transformar-se num bloqueio para o leitor que acredita não ser capaz de compreender **o que um texto diz**. Então, muitas pessoas acabam não lendo por causa do mito da incapacidade.

Ler não é simplesmente decodificar letras. Não lemos apenas palavras, mas também imagens, gestos, expressões faciais, comportamentos e atitudes. Ler é compreender o mundo que nos cerca. Ler é tomar contato com o pensamento do outro para poder criar o próprio pensamento. Para tanto, não podemos ficar passivos diante de um texto; devemos ser um leitor crítico que pode concordar ou discordar, que pode criar novas ideias a partir da leitura. Nesse sentido, ler não é “compreender o que o texto diz”, mas atribuir sentidos ao texto.

Ler é a chave do conhecimento; tanto a leitura de um texto quanto a leitura da realidade mais ampla: a do mundo. Para Freire (1985, p.22), “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela”.

Essa frase de Freire nos remete à importância dos nossos conhecimentos prévios e das experiências vividas para a construção dos sentidos dos textos que lemos e reforça a ideia de que a compreensão só ocorre quando estabelecermos relações entre as informações do texto e os conhecimentos que já possuímos.

Mas por que, então, achamos que não lemos? E mais: será que lemos apenas quando estamos com um livro na mão? É fato que estamos acostumados a relacionar a leitura apenas a livros. Além disso, é comum nos referirmos à leitura pensando apenas na decodificação de palavras.

No entanto, nos dias de hoje, é bastante complicado afirmar que uma pessoa que está conectada à modernidade não leia absolutamente coisa alguma. É só pararmos para refletir no nosso dia a dia para constatarmos quantas vezes estamos em contato com a leitura. Lemos tanto o destino do transporte que iremos usar quanto os *e-mails* de trabalho e outros documentos, só para citar algumas ações rotineiras.

A sensação de que não lemos se deve ao fato de que muitos de nós não têm o hábito de ler com o objetivo de entretenimento ou de busca de conhecimento. Em uma pesquisa realizada em 2015 pelo IBOPE, a pedido do Instituto Pró-livro, 44% dos participantes disseram não ter folheado um livro nos três meses anteriores. Mas é certo que estamos sempre em busca de informações. Mesmo assim, poucas vezes, lemos textos formais como jornais, revistas, livros etc. E, mesmo quando os lemos, raramente refletimos sobre essas leituras.

Na vida acadêmica, entretanto, a leitura assume outras funções, extremamente importantes para o nosso desenvolvimento tanto acadêmico quanto profissional. Na vida acadêmica e profissional, ler não é uma ação gratuita. A leitura deve ser sempre orientada por um objetivo preciso: informar-se, selecionar e coletar informações, condensar e reformular informações.

Resumindo, na universidade, ler significa apropriar-se de uma informação, relacioná-la aos nossos conhecimentos para produzirmos novo conhecimento. Dessa perspectiva, ler não significa descobrir algo desconhecido; significa, ao contrário, partir de experiências e conhecimentos para construir hipóteses a respeito do que lemos e, durante a leitura, confirmá-las ou descartá-las. Ler é atribuir sentidos ao que lemos.

Leitura: Um Processo Ativo e Dinâmico

A leitura é um processo cognitivo único para qualquer indivíduo, em qualquer língua. O termo cognitivo está relacionado ao processo mental de percepção, memória, construção de relações, avaliação e compreensão. E o ato de ler, como veremos a seguir, solicita um trabalho mental importante.

A diferença entre um leitor proficiente, isto é, um leitor competente, que possui um bom aproveitamento sobre o que lê, e um leitor inexperiente, não reside apenas no processo de estabelecer sentidos a partir do texto, mas na maneira como cada um deles dinamiza esse processo, tanto desenvolvendo estratégias (de seleção, de predição e de inferência) como também utilizando os conhecimentos já adquiridos, ou seja, os conhecimentos prévios para compreender o que lê.

Aprender a ler com eficiência implica, pois, o desenvolvimento de estratégias e a utilização de conhecimentos prévios. O sentido é criado a partir do texto, entretanto, conseguir atribuir sentidos ao texto depende do que o sujeito-leitor armazena na memória e da maneira como ele ativa sua memória no momento da leitura.

Nossa memória tem uma capacidade de armazenamento muito grande. Tudo aquilo que aprendemos e que vivemos fica ali “guardado”. Quando nos deparamos com situações novas, ou com um novo texto, nossa memória é ativada: ela fornece os dados armazenados que podem ter relação com a informação nova e estabelece as relações necessárias para, a partir da informação fornecida pelo texto e os conhecimentos ativados pela memória, sermos capazes de construir sentidos na leitura do texto. Por isso, dizemos que nossa memória “trabalha”; ela efetivamente nos ajuda a ler e compreender.

Além disso, quanto mais atento o leitor estiver ao trabalho de sua mente durante a leitura, quanto mais procurar conscientemente os conhecimentos necessários para a construção dos sentidos, mais produtiva ela será. Essa atitude diligente é essencial na leitura de textos acadêmicos, por exemplo.

Tudo isso ocorre porque a característica mais importante do processo da leitura é a atribuição de sentidos ao texto. O sentido é construído e reconstruído durante a leitura e releitura; a cada informação nova com que nos deparamos, a memória ativa outros conhecimentos e nós estabelecemos novas relações, novos sentidos. Durante e após a leitura, o leitor continuamente reavalia e reconstrói o sentido na medida em que obtém novas percepções.

Você já havia pensado a leitura sobre essa perspectiva? Como pudemos constatar, a leitura é um processo dinâmico e muito ativo, que exige a postura interativa do leitor que anseia por se tornar proficiente, ou seja, competente, na transformação da informação em conhecimento.

Veja no curta, a seguir, uma experiência de transformação de um leitor inexperiente:



Meu amigo Nietzsche

(de Fáuston da Silva, ficção, DF, 2012, 16mm, 15')

Um garoto encontra um livro de filosofia. O improvável encontro será o início de uma violenta revolução em sua mente, na vida de sua família e na sociedade. Ao final, ele não será mais um garoto. Será uma dinamite.

<https://youtu.be/FroyMvgYfm0>

Percebeu como a leitura tem um poder transformador? Vamos continuar, então, a nossa leitura.

A Importância dos conhecimentos prévios para a leitura

A compreensão de um texto somente é possível se o leitor já possuir previamente algum conhecimento do qual possa partir para processar as informações contidas no texto: só se compreende o que não se conhece a partir do já conhecido. Não é interessante pensar que há sempre um aproveitamento de nossas leituras anteriores para a leitura que estamos fazendo nesse momento?

Nossas leituras dependem, portanto, em grande parte, dos conhecimentos que já possuímos, ou seja, de nossos conhecimentos prévios. As leituras que precedem a leitura em questão, os conhecimentos adquiridos de maneira formal, ou não, são fatores que possibilitam uma boa interpretação e compreensão do texto e a atribuição de sentidos ao que se lê. Um médico, por exemplo, tem mais facilidade em ler e compreender os efeitos colaterais explicitados em uma bula de remédio do que um leigo, pois estudou sobre o assunto e o conhece.

Além disso, o sentido de um texto não é construído somente por meio de elementos explícitos; a compreensão constitui um processo que requer um cálculo mental. As inferências constituem um exemplo prototípico de cálculo mental, pois elas são o processo pelo qual o leitor adquire informação partindo de informações textuais explicitamente apresentadas e levando em conta o contexto.

Podemos definir inferência como um processo que permite gerar novos sentidos, ou novas informações a partir do estabelecimento de relações entre as informações que estão explícitas no texto e os nossos conhecimentos. Assim, por exemplo, a partir da piadinha a seguir:

A professora perguntou para Nino:

- Você tem sete bombons. Como é que você faz para dividir com a sua irmãzinha?

E o Nino responde:

- Dou quatro para mim e três para ela.

- O que é isso, Nino? Você ainda não sabe dividir?

- Eu sei. Mas minha irmã não sabe...

Podemos inferir, com base nas informações explícitas no texto, que Nino é malandro, ou seja, deseja tirar vantagem da falta de conhecimento da irmãzinha, pois, consciente de que ela não sabe fazer a operação de divisão, tem a intenção de enganá-la. Essa informação não está dita explicitamente no texto, mas a diferença na quantidade de bombons que ele distribuirá, a qual está colocada claramente no texto, é vantajosa a seu favor. As informações presentes no texto associadas a nossos conhecimentos socioculturais sobre o comportamento das pessoas nos permitem construir uma avaliação a respeito do personagem. Essa avaliação se dá por um processo inferencial.

Outro exemplo:

Um cão atravessava o rio com um pedaço de carne na boca. Quando viu seu reflexo na água, pensou que fosse outro cão carregando um pedaço de carne ainda maior. Soltou então o pedaço que carregava e se jogou na água para pegar o outro. Resultado: não ficou nem com um nem com outro, pois o primeiro foi levado pela correnteza e o segundo não existia.

/n: Fábulas de Esopo. Tradução de Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 1997.

Com base na leitura dessa fábula, podemos inferir que a ambição excessiva não traz benefícios. O texto não traz essa informação de forma explícita, mas os fatos narrados nos conduzem a essa conclusão, por um processo de raciocínio inferencial que uniu informações do texto ao que já conhecíamos previamente.

O conceito de conhecimento prévio engloba, ainda, conhecimentos de diversas ordens: sobre a língua e seu funcionamento, sobre os textos e suas estruturas, sobre o mundo em geral, sobre a especificidade da situação de comunicação, além daqueles adquiridos por meio das experiências pessoais do leitor.

Podemos identificar, portanto, pelo menos três grandes conjuntos de conhecimentos prévios: o **conhecimento linguístico**, o **conhecimento textual** e o **conhecimento de mundo**. Obviamente, esses três grandes conjuntos de conhecimentos se articulam e a ativação de todos eles permite ao leitor transformar uma estrutura isolada e fragmentada na memória numa entidade mais completa e coerente.

O **conhecimento linguístico** representa a competência do falante em relação à gramática de sua língua materna que, por sua vez, permite ao leitor perceber a maneira pela qual o texto foi tecido: sua ligação interna, sua textualidade, sua unidade. É um dos tipos de conhecimento do qual o indivíduo lança mão, por exemplo, quando se depara com uma situação de ambiguidade. Além disso, esse tipo de conhecimento nos permite reconhecer quando alguém está falando uma língua que não é a língua portuguesa. Ao ler uma frase como: “Questa bambina non é mai tornata a casa!”, sabemos que ela não está escrita em português, mesmo tendo reconhecido a palavra **casa**.

O **conhecimento textual** é construído pela convivência com diferentes textos em diferentes situações. Kleiman (1997) ressalta que “quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será a sua compreensão”. E o conhecimento de diferentes gêneros também é essencial, pois é o que nos permite reconhecer um conjunto de enunciados como um **conto** e não como uma **receita**, por exemplo.

Esse conhecimento permite ainda ao leitor direcionar suas expectativas frente aos textos, tornando possível que, diante de um texto predominantemente narrativo, o leitor espere encontrar personagens, conflito, ação, temporalidade e, diante de um texto predominantemente argumentativo, procure encontrar a defesa de uma tese.

O **conhecimento de mundo** corresponde ao conjunto de conhecimentos que o leitor adquiriu em seu processo de aprendizado formal e informal, incluindo também suas experiências pessoais. É fato, por exemplo, que indivíduos de uma mesma cultura compartilham conhecimentos que foram adquiridos, na maioria das vezes, informalmente.

O que torna o **conhecimento de mundo** decisivo para o estabelecimento de sentido de um texto é a necessidade de haver correspondência entre os conhecimentos ativados a partir do texto e o conhecimento de mundo armazenado pelo leitor em sua memória. Se essa correspondência não se efetiva, não se atribui sentidos ao texto, pois não se estabelecem relações entre os elementos do texto e os de mundo.

Além disso, haverá mais dificuldade de estabelecer as relações entre as informações do próprio texto, como também de ampliá-las. Esse conhecimento permite que o leitor possa completar, com segurança, as lacunas de um texto.

Observe como acionamos vários conhecimentos prévios para compreender o texto a seguir:

Por que a mulher do Hulk se divorciou dele?
Porque ela queria um homem mais maduro.

Fonte: http://confiar.atspace.com/curtas_boas

Só atribuímos sentidos a esse texto se acionarmos nosso **conhecimento textual** e percebermos que se trata de uma piada. Além disso, precisamos acionar nosso **conhecimento de mundo** para nos lembrarmos que Hulk é um personagem, um super-herói de força extraordinária, que possui a cor verde. Esse conhecimento é essencial para entendermos a graça da piada, pois a cor verde entra em oposição com o adjetivo maduro. E, então, precisamos de nosso **conhecimento linguístico** para nos lembrarmos dos dois sentidos possíveis para esse adjetivo: maduro (estágio que o fruto está pronto para ser colhido, em oposição a verde) e maduro (atribuído às pessoas que não são mais crianças, que têm atitudes adultas; responsáveis).

Veja quantos conhecimentos precisamos acionar para atribuir sentidos a uma piada, um gênero nada extenso e informal! Imagine em um texto teórico!

Evidentemente, se a experiência de mundo do autor for muito diferente da do leitor, problemas de compreensão poderão ocorrer e cuidados extras terão que ser tomados, como por exemplo, uma pesquisa de dados referentes ao texto que será lido. Se o texto trata de questões culturais do oriente, o leitor do ocidente pode ampliar seu conhecimento de mundo com outras pesquisas e leitura.

Ao nos depararmos com um texto que trata de um assunto desconhecido ou pouco conhecido, devemos procurar informações fora do texto, pesquisar em outras fontes de referência, a fim de compreender melhor o texto. Essa é uma boa estratégia de leitura. Aliás, esse é nosso próximo assunto. Leia com atenção!

Estratégias de leitura na esfera de atividade acadêmica

Geralmente, utilizamos intuitivamente uma série de estratégias para ler um texto, sem nos darmos conta de que estamos trabalhando ativamente para compreendê-lo. As estratégias de leitura são ações que fazemos para atribuir sentido ao que lemos. Podemos compará-las, por exemplo, com as estratégias utilizadas por um treinador em um jogo de futebol para vencer uma disputa no campeonato.

No nosso caso, as estratégias de leitura dependem muito do gênero do texto. Por isso, a estratégia utilizada na leitura de um romance não é a mesma que se usa para a leitura de um texto acadêmico ou teórico. Se continuarmos a nossa comparação, o técnico de futebol também usará estratégias diferentes para cada time adversário, não é mesmo?

Vale lembrar ainda que as estratégias para compreender os textos que lemos dependem dos objetivos da leitura. Quando lemos um romance, por exemplo, normalmente estamos procurando nos distrair, lemos por prazer e temos de lê-lo do início ao fim para compreender seu sentido; diferentemente da leitura de um gênero acadêmico ou de uma obra teórica, que lemos para estudo, para ampliar nossos conhecimentos, para fazer uma prova, o que exige seguir a ordem dos capítulos.

Vamos sistematizar um pouco essas estratégias?



Lembre-se: as dicas que apresentamos a seguir são direcionadas para a leitura de textos para estudos. Afinal, na vida acadêmica é importante lançar mão de estratégias de forma consciente.

Então, acompanhe, a seguir, a apresentação de algumas etapas que auxiliam a compreender melhor os textos para seus estudos:

Antes de começar a ler o texto propriamente, explore-o um pouco, de forma global, a fim de apreender, brevemente, a imagem do documento escrito:

- Observe o que circunscreve o texto: os outros textos e/ou as ilustrações que estão em torno dele.
- Tome consciência da extensão do texto (quantas páginas) a fim de planejar o tempo que despenderá na leitura (não adianta, por exemplo, deixar para ler um texto de 20 páginas trinta minutos antes do início da aula para a qual o professor pediu a leitura).
- Tome conhecimento do título do texto e dos subtítulos, pois eles fornecem pistas sobre o assunto que será desenvolvido.

- Observe a apresentação e o estilo: uma expressão em negrito, por exemplo, pode indicar um elemento para o qual o autor quer chamar a atenção dos leitores; um texto em itálico ou entre aspas pode indicar uma citação ou uma ressalva por parte do produtor do texto.
- Procure identificar quem é o autor do texto e informe-se sobre ele.
- Observe o gênero do texto, pois os gêneros têm características próprias de organização de acordo com a sua função.

Após ter se preparado para ler o texto, é importante fazer uma leitura rápida, mas integral, sem deter-se em palavras e estruturas desconhecidas ou complexas:

- Dirija a atenção às estruturas e expressões identificáveis, conhecidas, para apreender a ideia principal ou a tese desenvolvida no texto (lembre-se de que compreendemos um texto a partir de nossos conhecimentos já armazenados na memória).
- Releia, atentamente, a introdução e a conclusão, pois elas trazem informações globais.

Depois de passar por essas duas etapas, você estará preparado para uma boa leitura, que certamente será mais seletiva:

- Inicie a leitura com a identificação das palavras e expressões desconhecidas e a elaboração de um vocabulário do texto, recorrendo ao dicionário.
- Em seguida, passe à leitura seletiva propriamente, que consiste em sublinhar no texto:
 - a) As expressões, as palavras e as frases-chave que exprimem as ideias mais importantes do texto.
 - b) As expressões que indicam a articulação do texto.
 - c) As passagens significativas que revelam o desenvolvimento das ideias mais importantes (eliminando os exemplos ilustrativos, as enumerações, as repetições, as redundâncias).

Para garantir o bom aproveitamento do texto e para não ter que voltar a lê-lo integralmente quando tiver que retomá-lo para estudos, aconselhamos que, depois de passar por essas três etapas, você sistematize as informações do texto lido, por meio um esquema, ou seja, um plano do texto lido. Esse plano pode ser muito útil na hora de estudar para a prova, por exemplo.

Para a elaboração do plano, siga os seguintes passos:

- Extraia de cada parágrafo as **ideias ou expressões essenciais** e **resuma-as em uma palavra-chave ou em um título**.
- Extraia as **ideias secundárias ou complementares** e também as **resuma em uma palavra-chave ou em um subtítulo**, logo abaixo das ideias principais.
- Anote os **elementos de articulação lógica entre cada ideia importante** a fim de conservar a organização global do texto.

Elabore o **plano do texto** lido, **organizando de forma hierárquica** os elementos que você levantou.

Esperamos que, a partir do conhecimento dessas estratégias, você esteja mais incentivado a realizar as leituras na sua formação acadêmica de maneira ativa e que se sinta mais instrumentalizado a realizá-las de maneira a atribuir sentidos ao que lê. Esse é o momento de desenvolver a sua proficiência leitora que será de muito auxílio em sua vida profissional!



Em Síntese

A leitura de gêneros acadêmicos e de obras teóricas permite assimilar que:

- O processo de leitura vai muito além da decodificação de palavras.
- O leitor lança mão de sua memória e trabalha ativamente para compreender o texto. Afinal, ler é atribuir sentidos ao que lemos.
- O leitor recorre a seus conhecimentos prévios para ser ativo durante a leitura, isto é, ele recorre àquilo que já aprendeu.
- Os conhecimentos prévios podem ser de três ordens diferentes: conhecimento linguístico (domínio da língua, de sua gramática, etc.) conhecimento textual (reconhecer diferentes gêneros/modos ou formas textuais de dizer) e conhecimento de mundo (o que corresponde às experiências e vivências do leitor, a bagagem que acumulou durante a trajetória de leitor ou convivência em determinada cultura e ambiente social).
- O leitor deve recorrer conscientemente não só a seus conhecimentos prévios no momento da leitura, mas também estabelecer estratégias de leitura, isto é, efetuar uma série de ações que o auxiliem a atribuir sentidos ao texto, produzindo novos conhecimentos, tornando-se, assim, um leitor cada vez mais proficiente.

O que é escrita?

É importante ter claro que, da perspectiva que tomamos a escrita, não a vemos como uma técnica, da mesma forma que não tomamos a língua como código e o leitor/produtor de textos como um reproduzidor de discursos.

Antes, adotamos a escrita, isto é, o ato de escrever, não só como um ato de liberdade e de expressão individual, mas também como uma forma de inserção na sociedade. O uso da linguagem, conforme observa Charaudeau (2014), permite ao homem constituir comunidades em torno de “um desejo de viver juntos”, e institui-se como “um poder, talvez o primeiro poder do homem” (CHARAUDEAU, 2014, p.7).

Entendemos a escrita, portanto, como uma atividade humana, sociocultural e historicamente marcada, inserida em práticas sociais, como uma possibilidade de reflexão e de inserção no mundo.

Sendo assim, de acordo com Olson (1997), o domínio da escrita é uma condição ao mesmo tempo cognitiva e social e depende de saber utilizar os procedimentos para agir sobre a linguagem e pensar sobre ela, sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Em tempos de novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), de novas mídias e das redes sociais, em que se difunde a crença e se acredita, efetivamente, que elas são autossuficientes e caminham independentemente do labor do homem, é preciso ampliar o horizonte de conhecimentos e se propor à reflexão. A exacerbação dessa crença na tecnologia sem a presença do humano pode levar a linguagem a um esvaziamento de sentidos. Enquanto a cultura das TICs, das novas mídias e das redes sociais enfatizam a velocidade, a instabilidade e a vulnerabilidade, a cultura da escrita segue em caminho oposto, e é preciso observá-la de uma perspectiva em longo prazo, como um espaço para o pensar e refletir. É preciso achar o equilíbrio entre esses dois lados, pois, com certeza, ambos oferecem possibilidades de comunicação e de interação, e podem contribuir muito para o desenvolvimento e para novas conquistas do homem em sociedade.

Na concepção de escrita que adotamos aqui, o sujeito, produtor de textos, é um ator social, o que o torna um sujeito complexo, determinado e mobilizado do ponto de vista sociocultural para atuar por meio da linguagem. Além disso, é no ato de escrever que esse sujeito pensa sobre o uso da língua de maneira consciente e, assim, transforma-se em um estrategista, que levará em conta em suas escolhas, tanto os conhecimentos, linguístico, textual e de mundo que possui, quanto a situação de comunicação, o interlocutor e os propósitos comunicativos.

Nesse sentido, Olson (1997), afirma que “escrever nos transforma de falantes em usuários da língua” e que, por essa razão, “a escrita é primordial no que se refere à consciência linguística” (OLSON, 1997, p. 280-281). Para ele, o aprendizado da leitura e da escrita é tomado erroneamente por professores e educadores quando o concebem como uma habilidade a ser treinada e não como uma aquisição intelectual. Se escrevemos só para a avaliação e para sermos promovidos ao ano escolar seguinte, corremos o risco de tornar a escrita vazia, um dizer nada a ninguém, com nenhuma razão em particular, como bem alerta Bazerman (2006, p.15).

Sendo assim, acreditamos que para escrever é preciso construir referências, no sentido de reapresentar o mundo com base em nossos conhecimentos, crenças e julgamentos, isto é, com base na bagagem sociocultural que formamos durante toda a vida e que depende das práticas sociais em que estamos envolvidos, dos nossos propósitos e do diálogo, colaborativo ou não, que estabelecemos com o outro. Não se trata apenas de dominar a língua como um código, desvinculado, pleno de regras do bem escrever.

Bazerman (2006) observa, ainda, que a escrita nos fornece os meios pelos quais deixamos traços de nossa existência, nossas condições de vida, nossos pensamentos, nossas ações e nossas intenções. Para esse autor, a escrita torna a nossa presença real em um mundo social, possibilitando-nos imprimir a marca de nossas necessidades e de nosso valor.

Concebemos a escrita, portanto, como uma atividade humana, que tem como base a interação, pois sempre escrevemos para alguém, nem que seja para nós mesmos. Por isso, revisar o texto quantas vezes seja necessário é um procedimento essencial à escrita, como afirmam Koch e Elias (2011), “para ajustar o texto à intenção do produtor e à compreensão do leitor”. A cada revisão podemos reformular, suprimir ou acrescentar trechos tendo em mente a produção e a atribuição de sentidos (KOCH e ELIAS, 2011, p.50-52).

Por isso, jamais acredite que a primeira versão do seu texto é a melhor e suficiente. Procure reler o seu texto algumas vezes e, se possível, peça a um colega para que faça uma leitura crítica também. A prática de escrever, reler, revisar, reescrever é o que pode nos auxiliar a transformar o produtor inexperiente que mora em todos nós em autor proficiente. Nas palavras de Graciliano Ramos, um dos grandes escritores brasileiros:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem o seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxaguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso: a palavra foi feita para dizer. (RAMOS, 2008 *apud* KOCH e ELIAS, 2011, p.52)

Então... mais confiante para enfrentar o desafio da escrita? Lembre-se que, no meio acadêmico, a leitura e a escrita proficientes tanto constituem um valor quanto são processos que sustentam a aprendizagem e auxiliam na produção de conhecimentos. Por isso, comece a trabalhar as palavras desde já!

Na próxima seção, veremos um mecanismo gramatical, a concordância verbal, como recurso estratégico para aperfeiçoar a escrita de textos na sua formação acadêmica!

A Concordância Verbal: um Recurso Estratégico para a Leitura e a Escrita

O conhecimento das regras gramaticais da língua é um importante recurso estratégico para a leitura e produção dos sentidos de um texto. Por essa razão, selecionamos a concordância verbal para ilustrar como o emprego de alguns exemplos expressivos de casos de concordância auxiliam “leitor e produtor de textos” a identificar pistas sobre **quem escreve, o que escreve, para quem, como o faz e por que faz**.

A concordância verbal na construção dos sentidos do texto

Damos o nome de concordância ao mecanismo pelo qual as palavras subordinadas, isto é, palavras que obedecem ao comando das relações de unidade e sentido na frase, alteram sua forma para se adequar harmonicamente às palavras subordinantes.

A estrutura que organiza uma frase compõe-se de dois elementos básicos: o **sujeito** (representado por um nome/substantivo ou palavra equivalente) e um **predicado** (representado sempre por um verbo). À relação que se estabelece entre o verbo e o sujeito, damos o nome de **concordância verbal**.

A regra fundamental desse mecanismo linguístico determina que o verbo deve concordar em número (singular e plural) e pessoa (eu, ele/a, nós, eles/as) com seu sujeito. Vamos observar como se dá a concordância verbal na frase seguinte:

A cada início de ano, as pessoas renovam hábitos, atitudes e comportamentos na busca de melhor qualidade de vida.

Quem renova hábitos, atitudes e comportamentos? – as **pessoas**, que é o sujeito da frase.

O que as pessoas fazem? – **renovam** hábitos, atitudes e comportamentos, renovam é, portanto, o núcleo verbal do predicado. O verbo “renovar” altera a sua desinência, isto é, a marca que indica pessoa e número para se adequar ao sujeito “pessoas”.

Quando o sujeito é composto por mais de um núcleo, o verbo concorda sempre no plural. Se os núcleos forem de pessoas diferentes, a primeira pessoa sempre prevalece sobre a segunda e essa, sobre a terceira:

Eu e os demais convidados deixamos o local rapidamente.

Eu e os demais: sujeito composto. **Deixamos:** núcleo do predicado

O verbo vai concordar, então, com a primeira pessoa do plural, “nós”.



Apresentamos vários exemplos de casos particulares e ou especiais de concordância verbal nos quadros a seguir. Além desses casos, é possível consultar uma gramática tradicional que tenha sido usada por você em anos anteriores de estudos ou ainda endereços da internet para aprofundamento, como por exemplo: <https://goo.gl/BJfNZC>

Casos especiais de concordância verbal

Verbo Ser

O verbo SER concorda com o sujeito, se este estiver representado por um pronome ou por um substantivo que designa pessoa:

Lívia era sorrisos e alegria pela casa.
Eles eram a minha maior preocupação.
Vossas Altezas são a esperança para a paz na região.
As filhas de Juliana são um encanto.
Tu eras os meus sonhos e os meus pesadelos.
Eu não sou ela. Ela não é eu.

Nos demais casos, o verbo **ser** concorda com o predicativo:

A professora sou eu.
Quem são estas pessoas?
São 45 quilômetros daqui a Santos.
O júri somos nós.
Hoje é 1º de janeiro.
O que são livros esotéricos?
Amanhã será meu aniversário.
Hoje são 25 de dezembro.
Já eram mais de seis horas.

O verbo SER permanece no singular com as expressões que indicam quantidade, medida, porção, etc.:

Quinze reais é **muito** por uma entrada de cinema.
Dez metros é **bastante** para a cortina da sala.
Dois pastéis e um suco de laranja é **suficiente** para matar minha fome.

Haver

Existir, suceder, fazer (tempo). Verbo impessoal. Sem sujeito. Fica sempre no singular:

Não há precedentes para este caso.

Havia poucos interessados na compra do espetáculo.

Houve alguns imprevistos durante a apresentação.

Há anos não a vejo.

Mantém no singular o verbo que o acompanha: Deve haver motivos sérios para sua demissão.

(O verbo existir é pessoal. Varia de acordo com o sujeito: *Existem precedentes para este caso.*)

Fazer

Ideia de tempo. Verbo impessoal. Sem sujeito. Fica sempre no singular:

Faz 10 anos que a empresa foi fundada.

Mantém no singular o verbo que o acompanha:

Vai fazer 10 anos que a empresa foi fundada.

Obs.: Nas orações em que, mesmo havendo noção de tempo, aparece sujeito, o verbo terá a concordância normal:

Daniel e Andrea farão 20 anos de casados amanhã.



Importante!

Lembre-se!! São flexionados normalmente:

Haver no sentido de ter → Eles já haviam saído./ → Haverão de conseguir.
no sentido de julgar, entender → Houveram por bem adiar a sessão.

Fazer no sentido de executar, fabricar, produzir, etc. → Fizeram uma bela festa./Farão os vestidos na próxima semana.

Com o pronome relativo **que**

O verbo concorda em pessoa e número com o antecedente:

Fui eu que redigi todos os seus discursos.
Fomos nós que entregamos a correspondência.
Eles que providenciaram o material.

Com o pronome relativo **quem**

O verbo se mantém sempre na 3ª pessoa do singular:

Não sou eu quem vai pagar essa dívida.
Foi o diretor quem terminou a reunião mais cedo.
Nós queremos saber quem encomendou esses livros.

Obs.: Quando o “**que**” vier antecedido das expressões um dos, uma das, daqueles, daquelas (+ substantivo), o verbo vai para a 3ª pessoa do plural:

Ele foi um dos deputados que votaram a favor da emenda.
Minha colega era uma das que discordavam completamente da chefia.
O show foi daqueles que destroem corações.

Verbo + Se

Nas frases constituídas de verbo + “**se**”, em que o sujeito recebe a ação, o verbo concorda com o sujeito:

Vendem-se carros usados.
Alugam-se roupas.
Procuram-se crianças.
Aqui se faz revisão de textos .

Obs.: Para não haver erros, é possível converter a oração para a voz passiva com o verbo ser:

Carros são vendidos (E não: Carros é vendido)
Roupas são vendidas (E não: Roupas é vendida)
Aqui é feita revisão de textos. (sujeito e verbo no singular)

Estas construções só ocorrem com verbos transitivos diretos, alugar, vender, pintar, forrar, procurar, etc.

Quando o sujeito é indeterminado, o verbo fica no singular:

Precisa-se de cozinheiras (E não: Precisam-se de cozinheiras).

Falou-se de você.

Anda-se muito a pé no campo.

Era-se feliz ali.

Estava-se bem ali.

Obs.: Neste caso, não é possível passar para a voz passiva.

Estas construções sempre ocorrem com verbos transitivos indiretos (precisar de, falar de, sonhar com, etc.), verbos intransitivos (os que não precisam de complemento nominal), de ligação (ser, estar, etc.).

Em orações com ação reflexiva ou recíproca, o verbo concorda com o sujeito:

Emocionava-se com facilidade.

Amam-se de paixão.

Sempre se lembravam da casa de campo.

Olharam-se ternamente.

Nessa unidade, abordamos a leitura e a escrita como processos dinâmicos de interação, dos quais produtor e leitor participam ativamente para a produção/atribuição de sentidos. Vimos também algumas estratégias e procedimentos que podem auxiliar no aperfeiçoamento da leitura e a escrita no âmbito da graduação. Ao final, selecionamos, entre os muitos conteúdos da gramática normativa, o mecanismo da concordância verbal, como um recurso estratégico para ler e escrever.

Esperamos ter contribuído para a ampliação dos seus conhecimentos! A seguir, apresentamos, no material complementar, alguns links de vídeos e textos, além de indicações de livro que você encontra na Biblioteca Virtual da universidade, para que possa aprofundar seus estudos e desenvolver ainda mais suas competências leitora e escritora.

Não deixe de aproveitar esse momento!!

Bom trabalho!

Material Complementar

Indicações para saber mais sobre os assuntos abordados nesta Unidade:

A seguir, dispomos para você *links* de vídeos e de textos, além de indicações de livros da Biblioteca Virtual da universidade, para que amplie e aprofunde seus conhecimentos sobre leitura e escrita!

Sites

Para começar, leia nos textos a seguir o que Ruben Alves escreve sobre o prazer da leitura:

O Prazer da Leitura

ALVES, Rubem. **O Prazer da Leitura**. Disponível no link abaixo:

<https://goo.gl/GmxGCD>

Sob o Feitiço dos Livros

ALVES, Rubem. **Sob o Feitiço dos Livros**. Disponível no link abaixo:

<https://goo.gl/XORIEE>

Livros

Escrever melhor – guia para passar os textos a limpo

Escrever melhor – guia para passar os textos a limpo, Dad Squarisi e Arlete Salvador, Editora contexto, 2008.

Práticas de Escrita para o letramento no Ensino Superior

Práticas de Escrita para o letramento no Ensino Superior, Schirley Hartmann e Sebastião Santarosa, Editora Intersaberes, 2013.

Vídeos

Como desenvolver a compreensão leitora dos alunos?

<https://youtu.be/3lRLK0axNJc>

Chimamanda Adichie - Os perigos de uma história única.

<https://youtu.be/ZUtlR1ZWtEY>

Referências

- BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e Discurso**: modos de organização. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2014.
- COLCIONI; PIOVESAN & STRONGOLI. **Livros e computador**: Palavras, ensino e linguagens. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- EYSENCK & KEANE. **Psicologia Cognitiva**: um manual introdutório. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1984.
- KOCH, I.G.V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997, 2003.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2011.
- OLSON, D. R. **O mundo no papel – as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática, 1997.



Cruzeiro do Sul Virtual
Educação a Distância

www.cruzeirodosulvirtual.com.br

Campus Liberdade

Rua Galvão Bueno, 868

CEP 01506-000

São Paulo - SP - Brasil

Tel: (55 11) 3385-3000



Cruzeiro do Sul
Educatonal